

O EXIBICIONISMO EGOICO NO FORMATO MORTAL DA REPUTAÇÃO

Marcus Vinícius F. Souza ¹

Ivi Pereira Monteiro ²

Cristina Toledo ³



RESUMO

O presente artigo tem por finalidade expor alguns dos aspectos pertinentes ao debate contemporâneo em torno das perspectivas ligadas às diversas formas de desejos erótico-sexuais atreladas às tecnologias virtuais, bem como a apresentação do conceito e da indefinição, não só a sua complexidade, como também, da dificuldade de avaliação pela investigação empírica acerca do tema gerado. O objetivo deste estudo é diferir a relação entre o que é de caráter espontâneo e o que é impulsivo dentro desse contexto, contribuindo para o esclarecimento da sua distinção junto às parafilias apresentadas nas mídias atuais, bem como elucidar o que leva as pessoas a essa busca pela exposição virtual excessiva, e o que está implícito nesse tipo de atitude social.

PALAVRAS-CHAVE: Parafilia. Internet. Exibicionismo.

INTRODUÇÃO

Parafilias são ilustrações de comportamentos sexuais nos quais a fonte de prazer não está na relação sexual, mas em outras

ações. São comportamentos caracterizados por fantasias, anseios ou outros comportamentos sexuais incomuns, que causam prejuízo no funcionamento social, ocupacional ou em outras áreas da vida do indivíduo. As características essenciais de uma parafilia consistem em fantasias intensas e recorrentes sexualmente excitantes, impulsos sexuais ou comportamentos sexuais (disfuncionais / não adaptativos), descriminando-se depois critérios de diagnóstico específicos para cada uma, consoante o foco parafilico.

Segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (APA, 2002), a parafilia classificada como um transtorno sexual consiste em

[...] fantasias, anseios sexuais e sexualmente excitantes, em geral envolvendo 1) objetos não humanos; 2) sofrimento ou humilhação, próprio ou do seu parceiro; ou 3) crianças ou outras pessoas sem o seu consentimento, ocorrendo durante um período mínimo de 6 meses (Critério A) Para Pedofilia, Voyeurismo, Exibicionismo e Frotteurismo, o diagnóstico é feito se a pessoa realizou estes desejos ou se os desejos ou fantasias sexuais causaram acentuado sofrimento ou dificuldades interpessoais. Para as parafilias restantes, o diagnóstico é feito se o comportamento, os anseios sexuais ou as fantasias causam sofrimento clinicamente significativo ou dificuldade no funcionamento. (Critério B) (p. 538-539).

A crescente evolução de novos meios de tecnologias e modalidades de comunicação nos últimos tempos tem possibilitado um leque de acesso à informação, incrementando

1 Faculdade Governador Ozanam Coelho – FAGOC. E-mail: vinicius-profile@hotmail.com

2 Faculdade Governador Ozanam Coelho – FAGOC. E-mail: ivi.monteiro@gmail.com

3 Faculdade Governador Ozanam Coelho – FAGOC. E-mail: cristina.toledo@fagoc.br

também novas formas de experimentação do desejo afetivo-sexual nas suas mais diversas modalidades. O domínio sobre o próprio corpo só poderá ser alcançado, segundo Foucault, através dos efeitos de diferentes investimentos do corpo pelo poder:

A ginástica, os exercícios, o desenvolvimento muscular, a nudez, a exaltação do belo corpo... tudo isto conduz ao desejo do seu próprio corpo através de um trabalho insistente, obstinado, meticuloso, que o poder exerceu sobre o corpo das crianças, dos soldados, sobre o corpo sadio. (FOUCAULT, 2009, p.146).

Neste planeta em conexão, temos ainda o crescimento das redes sociais, através da criação de *blogs, sites*, etc. O ciberespaço vem se tornando um lugar de experimentação dos desejos e da produção de subjetividades, possibilitando uma integração entre corpo e máquina. Tal procedimento se comporta do corpo para com a máquina, da máquina para com os desejos e das subjetividades para com as máquinas. A enorme exposição de características privadas, seja de pessoas famosas ou desconhecidas, informa práticas, modelos de subjetividades a serem consumidos, em formatos romantizados e muitas vezes mentirosos, já que a possibilidade do anonimato incentiva esse tipo de prática.

No entanto, “o exibicionismo egoico no formato mortal da reputação” levanta a hipótese de que os sonhos como manifestação do inconsciente podem representar a forma mais primitiva, simples e pura da alma, mas que o risco de se exhibir pode prevalecer terminantemente.

Este estudo busca identificar os fatores que levam o indivíduo a agir e ter comportamentos de maneira erótica, como se torna crescente essa necessidade de expor no mundo virtual com excessividade e como a questão tem sido abordada na sociedade atual, estabelecendo a relação entre o exibicionismo e a internet. Pretende ainda apresentar motivos que levam as pessoas a executarem tais ações, identificar os pormenores por trás desse tipo de exposição, bem como ressaltar os riscos que essas práticas oferecem a esses dependentes.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de finalidade básica de objetivos exploratórios, que utilizou o procedimento de revisão bibliográfica. Portanto, esta pesquisa dialética e monográfica, de caráter histórico-crítico, busca embasamento no resgate do exibicionismo “egoico” e da individualidade, na Mitologia, em conceitos desenvolvidos pela Psicanálise e no estudo do corpo como extensão do trabalho e do lazer, além da internet, como tentativa de “congelar” o tempo e, inconscientemente, vencer a própria morte.

O método dialético implica sempre uma revisão e uma reflexão crítica e totalizante, porque submete à análise toda interpretação pré-existente sobre o objeto de estudo. Traz como necessidade a revisão crítica dos conceitos já existentes, a fim de que sejam incorporados ou superados criticamente pelo pesquisador. Trata-se de chegar à essência das relações, dos processos e das estruturas, envolvendo na análise também as representações ideológicas ou teóricas construídas sobre o objeto em questão.

É, portanto, um estudo aprofundado sobre a produção do conhecimento que envolve concretamente o objeto, e uma análise revolucionária, porque a interpretação crítica do objeto adere a ele destrutivamente (IANNI, 1988). Desse modo, o conhecimento da realidade não é apenas a simples transposição dessa realidade para o pensamento; pelo contrário, consiste na reflexão crítica que se dá a partir de um conhecimento acumulado e que irá gerar uma síntese, o concreto pensado (QUIROGA, 1991). Convém enfatizar que o pensamento tem que estar em constante diálogo com o real, isto é, as categorias são apreendidas a partir da realidade, da observação empírica do movimento histórico concreto (QUIROGA, 1991; PONTES, 1997).

O método monográfico parte do princípio de que o estudo de um caso em profundidade pode ser considerado representativo de muitos outros ou mesmo de todos os casos semelhantes (GIL, 2008). Esses casos podem ser indivíduos, instituições, grupos, comunidades, etc. Nessa situação, o processo de pesquisa visa a examinar

o tema selecionado, de modo a observar todos os fatores que o influenciam, analisando-o em todos os seus aspectos. Embora reconhecendo a importância de o pesquisador seguir um método como referência, entendemos que o ideal é empregar métodos e não um método, visando a ampliar as possibilidades de análise, considerando que não há apenas uma forma capaz de abarcar toda a complexidade das investigações.

O EXIBICIONISMO NA INTERNET

Há vinte anos, o planeta não idealizava o tamanho das mudanças que a internet traria para as relações sociais, de trabalho e produção, instituições, práticas sociais, espaços e processos formativos. A presença das tecnologias de informação e de comunicação (TICs) na sociedade contemporânea tem produzido significativas revoluções. Nos dizeres de Castells (2003, p. 34), trata-se da “gênese de um novo mundo”, cadenciada por repercussões que atravessam desde os valores pessoais até o comportamento do mercado.

A forma crítica de auto dependência de internet foi pesquisada pela primeira vez em 1996, em um estudo que examinou mais de 600 casos de usuários que apresentavam sinais clínicos. Partindo dos primeiros esforços para o desenvolvimento de critérios e diagnósticos para a dependência de internet ou uso problemático da internet, foram introduzidas três abordagens conceituais.

Primeiro, a dependência de internet foi mais amplamente descrita como um vício comportamental geral (GRIFFITHS, 1999). Segundo, o modelo cognitivo e comportamental chamou a atenção para o impacto dos pensamentos de um indivíduo em desenvolvimento de comportamentos excluídos, descrevendo a dependência de internet como “generalizada”, quando há um uso excessivo multidimensional da internet, e “específica”, quando a dependência se desenvolve por uma função específica da internet (DAVIS, 2001). Terceiro, um modelo que propõe

que a dependência de internet seja classificada como um transtorno do controle dos impulsos (SHAPIRA; LESSING; GOLDSMITH et al., 2003).

O Exibicionismo

Para a psicologia, o Exibicionismo é um transtorno mental caracterizado por uma compulsão em mostrar os órgãos genitais para um estranho insuspeito. O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, também conhecido como o DSM-IV-TR, classifica exibicionismo sob o título de “parafilias”, uma subcategoria dos transtornos de identidade de gênero e sexual. O termo “parafilia” é derivado de duas palavras gregas, significando “fora de” e “amor-amizade”.

Em alguns países como Estados Unidos e Canadá, a gíria “termo” pisca-pisca é usada frequentemente para exibicionistas. O Exibicionismo é descrito e aprofundado no DSM-IV-TR como “uma exposição de órgãos genitais a um estranho”, geralmente com a intenção de maior atividade sexual com outra pessoa. Por essa razão, o exibicionismo do termo é por vezes agrupado com a expressão, “voyeurismo”, (“espiando”, ou ver uma pessoa confiante ou pessoas, geralmente estranhos, despir-se ou envolver-se em atividade sexual).

Segundo Fenichel (2001), a diferença básica entre o exibicionismo masculino e o feminino refere-se ao complexo de castração no homem e na mulher. Nesta, a real falta do pênis faria deslocar seus impulsos exibicionistas para as restantes partes do corpo (seios, pernas), também erógenas. Por isso, o exibicionismo como perversão não existiria na mulher, pois nela o ato não representaria tentativa de superar o medo de castração, enquanto o exibicionismo masculino permanece genital e pode evoluir para uma perversão (impulso para mostrar o pênis e que é potente), o exibicionismo feminino se desloca da genitália para outras zonas erógenas ou para todo o corpo (*sex-appeal*).

Fenichel (2001, s.p.) relaciona casos de simbolismo sexual muito perto do exibicionismo, no qual a gratificação sexual era obtida jogando tinta, ácido, líquido que mancha, e até urina e dejetos, em indivíduos do sexo oposto. Em um dos casos,

o impulso surgiu depois que um carro passou por ele e lançou lama sobre sua roupa, ocasião em que, surpreso, sentiu forte atração sexual.

Alguns exibicionistas têm consciência de um desejo consciente de choque ou que perturba a sua meta, enquanto outros fantasiam que o destino vai se tornar sexualmente excitado por sua exibição. Em geral, não há consenso entre os psiquiatras acerca de o exibicionismo ser considerado um transtorno do controle dos impulsos ou se ele se enquadra no espectro dos transtornos obsessivo-compulsivo (OCD).

Redes Sociais

O ciberespaço – termo que, segundo Recuero (2009, p. 136), pode ser compreendido como “o lugar onde estamos quando entramos num ambiente simulado (realidade virtual) e como conjunto de redes de computadores, interligados ou não em todo o planeta, a internet” – tornou-se parte da cultura contemporânea e constitui-se em um espaço intermediário entre a realidade física concreta e o espaço imaginário.

Com o acesso em massa das novas mídias nos últimos anos, o que se vivencia é o surgimento de uma grande rede de agrupamentos sociais velozes, criação de identidades e personagens, grupos de debates e a inserção das marcas dentro desse emaranhado de navegantes de diversas tribos e um imenso acervo de dados valiosos para as empresas. Tais opções dessa nova cultura que cresce delineiam uma sociedade on-line, onde a desmaterialização do espaço é o trunfo para grandes organizações, após séculos de industrialização moderna que insistia na dominação física. O processo se dá em uma instantaneidade temporal em um espaço “sem fronteiras”, o que faz as pessoas buscarem principalmente as redes sociais, para se auto garantir na sociedade em que ela está inserida.

A Selfie

Selfie é abreviatura da palavra inglesa “*self portrait*”, que, na livre tradução para o português, significa “autorretrato”. Com o seu reconhecimento

pelo dicionário Oxford, o termo ganhou ainda mais força na web, em páginas como *Facebook*, *Twitter* e *Instagram*, principalmente. Personalidades de influência – músicos, cantores, modelos, atrizes e políticos – fazem uso da selfie para exibir sua autoimagem na internet, contribuindo com a popularização do termo. Quase sempre acompanhado por uma *hashtag* (palavra-chave da informação contida na imagem cujo símbolo é: #), *selfie* foi associada à exibição na rede de um corpo em um determinado momento. Usuários de celulares, *smartphones* e *tablets* – famosos ou anônimos – mostram onde estão, com quem estão e o que estão fazendo, construindo assim, de certa forma, uma realidade para ser compartilhada e reconhecida na sociedade.

A partir de fotos publicadas nos sites de relacionamento, a selfie pode ser expressão da identidade assumida por um sujeito na web, onde é construída a personalidade que será referência para quem observa determinado perfil. A possibilidade ilimitada de postagens dá espaço para que o sujeito assuma papéis múltiplos e transitórios, como se usasse a máscara que lhe cabe melhor em determinado momento. A essa multiplicidade de “eus”, em seus estudos sobre o tema, o teórico cultural Stuart Hall deu o nome de “crise de identidade”.

Em essência, o argumento é o seguinte: as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. Assim, a chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social. Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós

próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento, constituindo uma “crise de identidade” para o indivíduo. (HALL, 1999, p. 7).

RISCOS DE SE EXIBIR

A Carta Magna, em seu artigo 5º inciso IX, prevê a liberdade de expressão no ordenamento jurídico como um princípio fundamental. Encontra-se assim redigido: “é livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença”.

Em outras palavras, a liberdade de expressão seria um mecanismo que tem por finalidade tornar a democracia algo vivo, presente e eficaz. A liberdade de expressão e de pensamento compreende o direito de discurso, de opinião, de imprensa, o direito à informação e a proibição da censura. Além disso, abrange o alerta, a fiscalização, o controle do exercício político, o raciocínio extremado, a defesa de ideologia e pesquisa, bem como as opiniões desfavoráveis, críticas literárias e artísticas, científicas ou desportivas. Tal liberdade promove a abertura do processo político a partir de direitos sociais, econômicos e culturais, permitindo que sejam feitas revisões históricas, políticas ou político-ideológicas.

Porém, se considerados os conceitos de liberdade, em suas diversas dimensões, constata-se que na Internet as questões da liberdade de expressão e de comunicação, ou seja, de manifestar os pensamentos e ter acesso a todas as informações disponíveis na sociedade, ganham especial conotação. Assim, uma vez existente na Internet, mais especificadamente na Web, um grande hipertexto, em que todas as informações estão conectadas e a cada minuto são adicionados novos dados a este corpo de texto pelos usuários da rede como corolário, surge a necessidade de busca de mais informações e de interação com a sociedade.

A tendência é a de que os internautas busquem o exercício de tais liberdades de modo cada vez mais intenso, o que acaba por levar ao conflito com outros direitos e garantias fundamentais, próprios e alheios. Por isso, das características positivas dessa nova dimensão da informação surgiu, naturalmente,

uma questão essencial: se a Internet é um território de grande valia e democrático, existem limites para essa liberdade?

A Carência

A dependência de internet possui méritos como um transtorno compulsivo, envolvendo o uso excessivo da internet para jogos e preocupações sexuais. Esse transtorno inclui quatro componentes:

- 1) uso excessivo – associado à perda da noção do tempo e negligência de impulsos básicos, 2) abstinência – incluindo sentimentos de raiva, tensão e/ou depressão, quando o computador está inacessível, 3) tolerância – incluindo a necessidade de equipamentos melhores, mais softwares ou mais horas de uso, 4) repercussões negativas – incluindo brigas, mentiras, baixo desempenho, isolamento social e fadiga. (BLOCK, 2008).

Indivíduos com múltiplas dependências (álcool, cigarros, drogas, comida ou sexo) são os que correrem maior risco de usarem excessivamente a internet, pois aprenderam a lidar com dificuldades situacionais por meio do comportamento dependente. Dessa forma, a internet se torna uma distração conveniente, atrativa e fisicamente segura, dos problemas da vida real (YOUNG, 2011). O desenvolvimento da dependência de internet sofre influência de fatores situacionais, tais como problemas pessoais e mudanças de vida (divórcio recente, recolocação profissional ou morte de alguém querido); isso pode favorecer o uso da internet como uma fuga psicológica que distrai o usuário de um problema ou situação difícil da vida real, e o absorve num mundo virtual cheio de fantasia e fascínio (YOUNG, 2011).

Da desvalorização

O vazio acaba se tornando a era pós-moralista, o fim de uma época de valorização do sacrifício e de condenação do prazer, a derrocada de uma moral rigorista e o surgimento de uma era polissêmica de elaboração ética.

Hipermodernidade – trata-se de um tempo em que excesso e vazio enfrentam-se num combate que gera autonomia, novas liberdades e produz também, como não poderia deixar de ser, novos problemas, angústias e expectativas.

A era do vazio se torna um tempo de comunicação. Não mais da comunicação como conteúdo ou mensagem, no sentido moralizador desse termo, mas comunicação como forma de contato, expressão de desejos, emancipação do jogo utilitário. Gera medo, pânico e até horror uma época em que tudo pode ser questionado. Na realidade, essa desmontagem dos mecanismos de legitimação pela moral rigorista implica uma perda de poder pelos donos das sociedades ou um arranjo das formas de controle: a manipulação cede lugar à sedução; a imposição deve transformar-se em conquista; cada um deve aderir a um valor, não mais obrigado a submeter-se a ele.

Do ego e do Narcisismo

Na Mitologia Grega, Narciso era um jovem de beleza incomum. Quando veio ao mundo, sua mãe, Liriope, consultou o adivinho Tirésias para saber sobre a longevidade da criança. Ele, então, disse que o garoto viveria bastante, desde que nunca conhecesse a si próprio. Narciso cresceu e, cada dia mais belo, atraía a atenção de muitas jovens. Porém, não se interessava por nenhuma.

Certo dia, ao inclinar-se diante de uma fonte para beber água, Narciso viu sua própria imagem refletida e se apaixonou. Por diversas vezes, mas sem qualquer sucesso, o jovem tentou alcançar a imagem que via na água. Cansado e apaixonado, deitou na relva e, aos poucos, seu corpo foi desaparecendo. Diz a lenda que, no mesmo lugar, nasceu uma flor amarela.

Na narrativa, estão presentes elementos que, subjetivamente, caracterizam a exibição na internet e justificam a adoração pela própria imagem. Os autores Wanderley Codo e Wilson A. Senne, na introdução do livro “O que é Corpo(latria)”, usam uma frase de Freud para justificar a contemplação do próprio corpo: “O

indivíduo toma como objeto sexual seu próprio corpo e o contempla como agrado, o acaricia e o beija até chegar à exaustão”.

O prefixo “re”, que acompanha a palavra “reflexo”, está ligado ao resgate do passado, a tudo aquilo que vivemos, às experiências que tivemos. O reflexo é o retorno que questiona a transitoriedade da beleza e a efemeridade da vida. “A ameaça da morte é o símbolo mais comum da ansiedade”, diz o autor Rollo May na obra “O Homem à Procura de Si Mesmo”. E completa, na sequência:

O ator caracteriza como ansiedade aquilo que sentimos quando nossa existência como *selves* está ameaçada. Grande parte da ansiedade de nossos tempos advém da ameaça de não ser querido, viver isolado, solitário, abandonado. Todo ser humano adquire grande parte do senso de sua própria realidade pelo que os outros dizem e pensam a seu respeito. (MAY, 1982, p. 34).

NA PSICOLOGIA

A maior contribuição de Freud para o estudo do comportamento exibicionista deve ser sua insistência em que cada um de nós começou a vida como um bebê exibicionista e, apesar de a maioria conseguir conter o impulso de se exhibir sem razão, o pervertido clínico falha nesse aspecto. Contudo, ao insistir em que todos os adultos, homens e mulheres praticaram a exibição genital quando crianças e também tiveram prazer nisso, Freud ajudou a humanizar essa conduta e, ao fazê-lo, colabora na campanha de encarar o exibicionista clínico com maior compaixão e empatia.

O exibicionismo na visão de Freud

No exibicionismo pode-se observar o fenômeno da ambivalência, assinalado no desenvolvimento da psicosssexualidade da infância, pelo qual uma atitude ativa traz um comportamento passivo: todo desejo sexual ativo está associado a outro de natureza

similar, cujo fim é passivo; o desejo de amar é acompanhado do desejo de ser amado. O termo “ambivalência” (existência simultânea de duas excitações distintas de conteúdo semelhante, mas com fins contrários) foi considerado por Freud e introduzido em psiquiatria por Bleuler. É usado para interpretar as atividades duais que se manifestam em muitos impulsos instintivos, dirigidos a um objeto. Essa conduta incorporadora pode ser passiva e amistosa, ou ativa e hostil.

A ligação entre o voyeurismo e o exibicionismo, segundo Freud (2013, p. 36), seria devida ao fato de que ambos os atos têm em comum um precursor: o desejo sexual de olhar para alguém. No exibicionismo, há forte conteúdo narcisista e autoerótico, antecipado e despertado pelo fato de que outros olham para ele. No mesmo ato, ele procura influenciar pelo susto ou terror ou, magicamente, por gestos, caretas, etc.

Do ego

O conceito de zonas erógenas seria insatisfatório para a teoria do desenvolvimento da libido, pois o prazer libidinoso é apenas um meio para alcançar o objeto, ao contrário da ideia de que o objeto é um meio para obter prazer libidinoso.

Através da relação de objeto, a dependência do objeto dá lugar à sua dependência madura. A necessidade libidínica é necessidade de objeto. O alívio da tensão sem adequada relação de objeto implica alguma falha ou interrupção dela, com reflexos anormais no comportamento libidinoso.

Ao se exibir, o indivíduo se compreende em uma forma de satisfação (de busca e encontro do objeto), outra forma de satisfação ocupará seu lugar (pela busca de outro objeto, substitutivo), ou, então, há um retrocesso a uma etapa anterior (regressão) do desenvolvimento psicosssexual; perda do específico caráter sexual da relação manifestando-se sob a forma de afetos, aspirações e interesses (sublimação); ou a possibilidade de o próprio ego tomar-se objeto da

libido. Assim, a libido pode investir-se de diversos modos, deslocando-se quanto a objetos e metas.

PONTUADO O TEMA

Para este artigo, foi utilizado o método de pesquisa bibliográfica acerca do tema “exibicionismo relacionado ao ego e redes sociais”, sendo utilizados textos e livros de autores como Freud e Bauman, entre artigos e pesquisas para tal fim, tendo como embasamento teorias freudianas da influência dos desejos e como eles nos movem, como as práticas narcisistas na internet demonstram uma busca pela identidade e pela aceitação social (1914).

Bauman afirma que a identidade é algo a ser inventado, é uma construção que demanda esforço. Neste mundo virtual, o indivíduo inventa e reinventa imagens que representam identidades ou uma identidade a que pretende se integrar.

O presente tema traz reflexões sobre essas questões tão presentes no mundo contemporâneo, em que esse aparelho moderno chamado de “redes sociais” colabora para que atitudes narcisistas aumentem a cada dia.

As redes sociais são como portas abertas para a vida das pessoas e dão a oportunidade de se observar o outro e de ser observado. Ademais, transformaram até mesmo o conceito de vida saudável, e de que, para ser aceito, ser considerado dentro dos padrões de beleza e ter uma vida saudável, é necessário fazer exercícios para poder exibir a boa forma nas redes.

Essa questão nos mostra como a sociedade está focada no eu e evidencia a necessidade de se identificar com os valores da sociedade de consumo atual.

CONCLUSÃO

Ao analisarmos a exibição dos indivíduos como projeção de tudo aquilo que a pessoa gostaria de ser e de ter, é possível buscar na Psicanálise a explicação para a ânsia da sociedade atual em produzir um número tão significativo

de autorretratos. Neste artigo, conceitos desenvolvidos por estudos de Freud retratam os sonhos como manifestação plena do inconsciente, como representação daquilo que está no lugar mais profundo de um ser, logo aquilo que ele tem de mais verdadeiro, seja bom ou ruim. É no sonho que está a projeção – como uma *selfie* que é postada em uma rede social – daquilo que existe em seu interior.

Apesar das diferenças dos métodos de trabalho adotados pela dupla para analisar o inconsciente de seus pacientes e relacionar a manifestação dos sonhos com os problemas que eram sugeridos, ambos concordavam que, “além de memórias de um passado consciente longínquo, também pensamentos inteiramente e ideias criadoras podem surgir do inconsciente” – ideias e pensamentos que nunca foram conscientes.

Os internautas das redes sociais têm a oportunidade de interagir com outros usuários, manter contato, manifestar pensamentos, sentimentos, ideias, enfim, as opções são variadas. Dessa forma, os perfis dos usuários tendem a ter representações deles próprios e do que desejam expor na rede. Não são todos os usuários que se comportam narcisicamente, mas o meio virtual possibilita sua expressão.

Além disso, o espaço individual também é necessário: espaço para intimidade. Um dos maiores desafios da atualidade pode ser a relação entre o que é representado nas redes sociais e o que existe fora dela, na vida real, pelo fato de poder ocasionar repercussões na subjetividade do indivíduo contemporâneo (MARRA; ROSA; SANTOS, 2013).

Na realidade, no narcisismo, o que existe é uma degradação de ego; então, o sujeito faz de tudo para demonstrar o oposto: grandiosidade, porque é com a aprovação do outro que esse sujeito ameniza sua insegurança. A internet, então, pode amplificar a cultura do narcisismo, devido à grande exibição e exposição de imagens. Tais exibições, na maioria dos casos, demonstram situações felizes, pessoas sorrindo, viagens perfeitas, etc., que facilitam a aprovação do

outro. Existe dificuldade de visão quando o uso é considerado normal e quando as postagens são normais, e em que ponto passa a ser patológico, pelo fato de que a internet se tornou popular, passando a ser uma necessidade no cotidiano das pessoas. Isso dificulta o diagnóstico, pois pode mascarar o comportamento viciante. Além disso, faltam critérios para definir a dependência da internet, não viabilizando cursos formais de especialização para os profissionais da saúde, retardando, assim, o tratamento.

REFERÊNCIAS

- APA - American Psychiatric Association (2002). Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais – DSM-IV-TR (D. Batista, Trad.) (4. ed. ver.). Porto Alegre: Editora Artmed. (Trabalho original publicado em 2001).
- BLOCK, J. J. Issues for DSM-V: internet addiction [Editorial]. *Am J Psychiatry*, 2008, n. 165, p. 3.
- CASTELLS, Manuel. A galáxia da internet. Trad. Maria Luiza X. A. de Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- CODO, Wanderley. Corpo (latría). São Paulo: Editora Brasiliense, 2004.
- COUTO, Edvaldo Souza. Uma estética para corpos mutantes. In: COUTO, Edvaldo Souza; DAVIS, R. A. A cognitive-behavioral model of pathological internet use. *Computer in Human Behavior*, 2008, v. 17, n. 2, p. 187-195.
- FENICHEL, Otto. The psychoanalytic theory of neurosis. New York: Norton, 1945.
- FOUCAULT, M. Microfísica do poder. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2009.
- FREUD, Sigmund. Introdução ao narcisismo. *Revista o Globo*, 15 dez. 2013, p. 32-36.
- GOELLNER, Silvana Vilodre (Org.). Corpos mutantes: ensaios sobre novas (d) eficiências corporais. Porto Alegre: UFRGS – Editora, 2007.
- GRIFFITHS, M. Internet addiction: fact or fiction? *Psychologist*, 1999, v. 12, n. 5, p. 246-250.
- HALL, Stuart. A Identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1992.
- MARRA E ROSA, Gabriel; SANTOS, Benedito. Facebook e as nossas identidades virtuais. Brasília: Thesaurus, 2013.

MAY, Rollo. O homem à procura de si mesmo. São Paulo: Editora Vozes, 1982.

RECUERO, Raquel. Redes sociais na internet. Porto Alegre: Sulina, 2009.

SHAPIRAN, A.; LESSIG, M. C.; GOLDSMITH, T. D. et al. Problematic internet use: proposed classification and diagnostic criteria. *Depression and Anxiety*, 2003, v. 17, n. 4, p. 207-216.

YOUNG, K. S. Avaliação clínica de clientes dependentes de internet. In: YOUNG; ABREU (Orgs.). *Dependência de internet: manual e guia de avaliação e tratamento*. Porto Alegre: Artmed, 2001. p. 36-54.